

Turismo literário em Baião: Incursão pelo mundo Queirosiano

Literary tourism in Baião: Incursion into Queirosian world

LUÍSA PEREIRA * [luisapereira18@hotmail.com]

JORGE MARQUES ** [jorgehsm@sapo.pt]

Resumo | O presente artigo aborda a relação entre turismo e literatura, baseando-se na vida e obra de Eça de Queiroz e na sua interligação com a Casa de Tormes, em Baião. Pretende-se, deste modo, refletir sobre o potencial turístico de locais associados à vida e/ou obra dos escritores e de que forma esses locais poderão contribuir para a valorização dos territórios onde se integram. A metodologia utilizada baseou-se num estudo de caso – Casa de Tormes/Fundação Eça de Queiroz – e inclui uma entrevista com a Diretora Executiva da FEQ. Os resultados indicam que a valorização deste tipo de espaço cultural é uma mais-valia na dinamização turística de territórios rurais, de menor densidade populacional, como é o caso do concelho de Baião.

Palavras-chave | Turismo literário, turismo cultural, casa de Tormes, Eça de Queiroz

Abstract | This article reflects on the relationship between tourism and literature, based on the life and work of Eça de Queiroz and its connection with the Casa de Tormes, in Baião. It is intended, in this way, to reflect on the tourist potential of places associated with the life and/or work of writers and how they can contribute to the valorization of the territories where they belong. The methodology used was based on a case study – Casa de Tormes/Eça de Queiroz Foundation – and includes an interview with the Executive Director of EQF. The results indicate that valuing this type of cultural space is an asset in boosting tourism in rural areas, with a lower population density, as is the case in the municipality of Baião.

Keywords | Literary tourism, cultural tourism, Tormes house, Eça de Queiroz

* **Mestranda em Turismo e Desenvolvimento de Produtos Turísticos**, Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo (ISCET), Porto

** **Professor Auxiliar** no Departamento de Turismo, Património e Cultura da Universidade Portucalense, Porto. **Professor Assistente** no Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo (ISCET), Porto. **Investigador** no CEGOT – Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Coimbra e no REMIT – Research on Economics, Management and Information Technologies, Universidade Portucalense, Porto

1. Introdução

A literatura constitui uma forma de expressão e de comunicação do Homem, refletindo a vida e os costumes da sociedade em que é produzida. A literatura contribui também para a solidificação e para a divulgação da cultura de um povo e do seu património e, neste contexto, permite também a interligação com o turismo, mais concretamente com o segmento específico designado turismo literário (Quinteiro & Henriques, 2012). De acordo com Herbert (2001), o turismo literário consiste numa forma de turismo em que a motivação principal é a de visitar locais que estejam relacionados com a literatura, podendo incluir lugares reais ou míticos, associados aos escritores, às personagens ou aos eventos descritos na literatura. De acordo com Quinteiro e Henriques (2012), as ligações entre esses locais literários e a realidade do destino permitem aproximar a cultura ao turismo e atribuir significado e valor a esses locais.

Apesar de ser um tema relativamente pouco explorado, foram identificados alguns estudos em Portugal que abordam o turismo literário. A título de exemplo, o trabalho de Mendes (2007) faz uma abordagem aos itinerários turísticos e literários no Vale do Lima; Carvalho (2009) explora o turismo literário e as redes de negócios em Sintra, baseado na obra *Os Maias* de Eça de Queiroz; Sardo (2009) explora a importância do património e dos sítios literários para o desenvolvimento turístico regional; Quinteiro e Henriques (2012), Quinteiro, Baleiro e Henriques (2014), Quinteiro e Baleiro (2014, 2015) e Quinteiro, Baleiro e Santos (2016) trabalham os lugares literários, com especial enfoque na região do Algarve; Carvalho e Batista (2015) apresentam perspetivas sobre o turismo literário em Portugal através de um estudo comparativo de três entidades; Fernandes e Carvalho (2017) exploram a relação entre património e turismo literário com enfoque em Leiria; Almeida (2017) aborda o património paisagístico do Douro e o turismo literário, baseando-se nos percursos de

Eça de Queiroz; Pires (2020) explora o perfil do turista literário a partir da análise ao centro histórico de Évora; Liberato, Sargo e Liberato (2021) avaliam a motivação, a satisfação e a experiência dos participantes em eventos literários; Quinteiro, Gonçalves e Carreira (2021) analisam os recursos e potencial de Coimbra como destino de turismo literário.

Neste contexto, este artigo explora a relação entre turismo e literatura, baseando-se na vida e obra de Eça de Queiroz e a interligação com a Casa de Tormes, em Baião. Esta casa foi local de férias do escritor, engloba um património intrinsecamente ligado a Eça e é gerido pela Fundação Eça de Queiroz (FEQ), proporcionando uma experiência turística com visita guiada, restaurante, percursos pedestres, entre outras experiências. Pretende-se demonstrar que os espaços culturais associados à literatura poderão contribuir de forma ativa para o desenvolvimento do turismo literário em Portugal e ajudar na dinamização turística dos territórios onde se inserem, como é o caso de Baião. Para tal, apresenta-se a Casa de Tormes/Fundação Eça de Queiroz como espaço propício ao desenvolvimento deste produto turístico e exploram-se as perspetivas de desenvolvimento e dinamização através da realização de uma entrevista à Diretora Executiva da FEQ. Num primeiro momento, levou-se a cabo a revisão teórica do tema em estudo para clarificar os conceitos relacionados com o turismo literário. De seguida, contextualizou-se, ainda que de forma não exaustiva, a vida e obra do escritor Eça de Queiroz, a Casa de Tormes e a Fundação Eça de Queiroz. Por último, realizou-se uma entrevista semiestruturada à Diretora Executiva da Fundação Eça de Queiroz.

2. O Turismo Literário

De acordo com Timothy e Boyd (2011), o turismo literário é um fenómeno complexo, pelo

facto de englobar elementos tangíveis e intangíveis. Como tal, existem várias aceções do conceito de turismo literário, tornando, de certa forma, difícil a sua definição. Segundo o trabalho desenvolvido por Pires (2020), para muitos académicos, o turismo literário é visto como uma subcategoria do turismo cultural; para outros, é visto como um nicho dentro de um nicho; há ainda quem o compare ao turismo patrimonial; quem o encare como turismo criativo; quem o considere turismo de interesse especial; e quem o relacione com os meios de comunicação social.

Para efeitos do presente trabalho, assume-se que a abordagem mais adequada é a que considera o turismo literário como um nicho dentro do turismo cultural. Desde cedo que turismo e cultura se interligam, porém, apenas a partir da segunda metade do século XX, o turismo cultural se configurou como uma alternativa ao turismo massificado europeu (Hoppen, 2012). De uma forma mais abrangente, o turismo cultural inclui as viagens motivadas pelo desejo de aumentar os conhecimentos, conhecer hábitos e culturas de outros povos e civilizações, do passado e do presente (Cunha e Abrantes, 2019). O turismo cultural não assenta apenas na valorização do património físico, como monumentos e edifícios, mas contempla também produtos intangíveis (Gratton, 1996). Em última análise, considera-se que todo o turismo é cultural, na medida em que as viagens turísticas contribuem para elevar o nível cultural das pessoas e dotá-las de novos conhecimentos e experiências (Sardo, 2009). Deste modo, o turismo literário é encarado como uma forma mais específica do turismo cultural, “que tem a ver com a descoberta de lugares ou acontecimentos dos textos ficcionais ou da vida dos autores desses textos” (Sardo, 2008: 27), transformando assim as obras literárias também em património desses lugares (Sardo, 2009). Mendes (2007) refere que o turismo literário “privilegia os lugares e os eventos dos textos ficcionados, bem como a vida dos seus autores, promovendo a ligação entre a produção literária e artística de um

autor e os turistas que visitam esses locais” (Mendes, 2007: 87). Valencia (2014), citado por Pires (2020), acrescenta que “o turismo literário é movido pela motivação turística cultural de visitar as cidades ou localidades onde se originaram obras literárias ou onde foi deixada alguma pegada pelos seus autores, ou onde estiveram vinculados em algum momento da sua vida” (Pires, 2020: 16). Deste modo, o turismo literário apresenta-se como uma oportunidade para aumentar e diversificar a oferta do turismo cultural.

2.1. Tipologias de turismo literário

De acordo com Pires (2020), o turismo literário pode assumir várias formas e integrar diferentes tipologias. A autora refere que “uma coisa são tipos de turismo literário, ou seja, as várias categorias que podemos encontrar na literatura sobre os interesses de quem consome turismo literário, e outra são locais literários, as manifestações concretas espaciais do turismo literário.” (Pires, 2020, p. 17). Apesar desta distinção, nem todos os autores fazem uma separação entre tipologias e lugares, pois tanto os tipos de turismo como os sítios literários tornam a literatura num produto de consumo turístico (Pires, 2020).

Para Herbert (2001), as principais razões que levam um turista a visitar um sítio literário são quatro. A primeira diz respeito aos lugares relacionados com a vida dos escritores (como exemplos, temos a Casa de Tormes em Baião, a Casa Miguel Torga em Sabrosa, a Casa Camilo Castelo Branco em Vila Nova de Famalicão, a Casa dos Bicos em Lisboa, ou a Casa Fernando Pessoa também em Lisboa, entre outros). A segunda diz respeito aos sítios que serviram de cenário a uma obra (como, por exemplo, Sintra em *Os Maias*, de Eça de Queiroz, ou Évora em *A Aparição*, de Virgílio Ferreira). A terceira diz respeito aos sítios que se relacionam com o autor ou a obra e que despertam no turista memórias ou emoções. Por último, a quarta

diz respeito aos locais que estão relacionados com o nascimento ou a morte dos escritores (Herbert, 2001). Deste modo, o turismo literário baseia-se, em grande medida, nas emoções que o turista espera vir a ter no momento em que encontra os lugares que imaginou a partir da leitura (Charapan, 2016; Jiang & Lu, 2020).

Gentile e Brown (2015), classificam o turismo literário em oito formas: i) visita às casas onde nasceram os escritores (geralmente associadas à vida dos escritores antes do reconhecimento público); ii) visita às sepulturas dos escritores (como forma de prestar homenagem); iii) visitas às casas dos escritores (neste contexto, associadas à vida dos escritores, das obras aí escritas, onde assume especial destaque as casas-museus); iv) turismo relacionado com a ficção (lugares que se tornam simultaneamente realidade e ficção através das descrições literárias); v) turismo induzido por filmes (visitas a lugares que interligam livros, autores, programas de televisão e filmes; vi) escrita de viagem (promoção dos lugares através da escrita); vii) turismo de livraria (visita a livrarias, relevantes pela sua arquitetura, acervo ou outro facto que lhe esteja associado); e, por último, viii) participação em festivais literários (sendo uma das formas mais tradicionais de envolvimento com o turismo literário).

2.2. As Casas-Museus dos escritores

Para o turista literário, poder conhecer a casa do escritor que admira (a mesa onde escrevia, os seus objetos pessoais, os seus ambientes recriados) constitui uma oportunidade única e uma visita inesquecível (Sardo, 2009). As casas-museus dos escritores despertam o interesse do turista literário, evocando a memória e o imaginário em torno do escritor. Através da manutenção ou reconstrução de ambientes domésticos, expõe-se o universo do escritor, “recriando a sua vivência através dos seus objetos pessoais, de livros ou de coleções de arte. Estes lugares, onde se narra a vida dos escri-

tores que neles habitaram, transformam-se, assim, em atrações turísticas.” (Sardo, 2009: 345).

De acordo com Gonçalves (2007), existem cada vez mais casas-museus um pouco por toda a Europa. Em Espanha, foi criada a *ACAMFE-Asociación de Casas-Museo y Fundaciones de Escritores*, que atua com o objetivo de promover estes espaços; também em França este tipo de património literário é divulgado através da *Association Terres d'Écrivains e da Fédération Nationale des Maisons d'Écrivain & des Patrimoines Littéraires*; em Inglaterra existem inúmeras casas-museus de escritores famosos, como, por exemplo, a casa-museu de Charles Dicken em Londres, a casa-museu de William Shakespeare em Stratford-upon-Avon ou a casa-museu de Jane Austen em Hampshire, entre muitas outras. Em Itália preserva-se e promove-se um vasto legado de casas ilustres, incluindo as de escritores estrangeiros, como Goethe, Byron ou Shelley (Gonçalves, 2007; Sardo, 2009). Na Toscana, a *Associazione Case della Memoria* integra residências de escritores e poetas famosos, como Boccaccio, Dante, Petrarca, Miguel Ângelo e Maquiavel (Sardo, 2009). Também em Portugal este património tem sido valorizado e promovido no contexto do turismo literário, como são exemplo: as casas-museus de José Régio, em Portalegre e Vila do Conde; a Casa-Museu de Camilo Castelo Branco, em S. Miguel de Seide, Vila Nova de Famalicão; a Casa Fernando Pessoa, em Lisboa; a Fundação Eugénio de Andrade, no Porto; a Casa de Tormes/Fundação Eça de Queiroz, em Baião; a Casa-Museu Guerra Junqueiro, no Porto; a Casa-Museu Ferreira de Castro, em Salgueiro, Oliveira de Azeméis; a Casa-Museu Fernando Namora, em Condeixa-a-Nova; a Casa-Museu Miguel Torga, em Coimbra; a Fundação Aquilino Ribeiro – Casa-Museu e Biblioteca, em Soutosa, Moimento da Beira (Milheiro e Pereira, 2014; Sardo, 2009).

Sardo (2009) refere ainda que associadas às casas dos escritores surgem as Rotas de Escritores, que interligam o património natural e edificado de uma região com os aspetos biográficos

dos escritores e das suas obras, ao mesmo tempo que vão promovendo a cultura do local. “Os itinerários turístico-literários permitem a reconstrução da ação da obra literária, possibilitando seguir as pisadas das personagens, ao mesmo tempo que o leitor-visitante ou o leitor-turista se identifica com elas e vive a história” (Sardo, 2009: 344).

3. Estudo caso: a Casa de Tormes

3.1. Aspetos metodológicos

Este artigo segue uma abordagem qualitativa, assente na revisão da literatura e no estudo de caso da Casa de Tormes, que inclui a realização de uma entrevista à Diretora Executiva da Fundação Eça de Queiroz (entidade que gere este espaço), Dr.^a Anabela Cardoso. A investigação qualitativa tem como principal objetivo a compreensão dos problemas, a análise dos comportamentos, das atitudes ou dos valores, não existindo uma preocupação com a dimensão da amostra ou com a generalização dos resultados. Deste modo, está mais vocacionada para a análise e o estudo da subjetividade associada ao comportamento e à atividade das pessoas e das organizações (Sousa & Baptista, 2011; Veal, 2006; Quivy & Campenhoudt, 2003).

A entrevista foi realizada em novembro de 2020 e incluiu nove questões, de modo a perceber melhor o contexto de visita do turista literário à Casa de Tormes. Numa primeira parte, questionou-se sobre o perfil do visitante (Questão 1) e quais as principais motivações (Questão 2). A segunda parte da entrevista foi direcionada para a operacionalização estratégica, nomeadamente as características do local e as valências que são disponibilizadas aos visitantes (Questão 3), como se processa a visita à Casa de Tormes e que tipo de interação existe com o visitante (Questão 4), que tipo de parcerias são desenvolvidas (Questão 5) e que tipo de estratégia de marketing/comunicação é traba-

lhada (Questão 6). Na última parte da entrevista, questionou-se sobre quais foram os principais desafios vividos no contexto da Covid-19, nomeadamente quais os impactos da pandemia na atividade desenvolvida pela FEQ (Questão 7), que estratégias poderão ser identificadas para fazer face a situações de crise no futuro (Questão 8), e se a digitalização de espaços museológicos e virtualização de visitas poderão vir a substituir definitivamente as visitas físicas (Questão 9).

3.2. Breve contexto de Eça de Queiroz e a sua obra

José Maria de Eça de Queiroz (Póvoa de Varzim, 25 de novembro de 1845 - Paris, 16 de agosto de 1900) era filho do juiz José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz, à época delegado do procurador régio em Ponte de Lima, e de D. Carolina Augusta Pereira de Eça, residente em Viana do Castelo. Terá saído de Vila do Conde, onde viveu até 1855, para Verdemilho, próximo de Aveiro, para a casa dos avós paternos (FEQ, 2020). Mais tarde, foi morar para o Porto a fim de estudar no Colégio Interno da Lapa, no qual se formou em 1861. Seguiu os passos do seu pai e foi estudar Direito na Universidade de Coimbra, graduando-se em 1866. Chegou a exercer a profissão de advogado e, mais tarde, de jornalista na cidade de Lisboa (FEQ, 2020). Foi um proeminente escritor, socialmente empenhado e ativo, tendo, inclusivamente, ocupado alguns cargos políticos, destacando-se como Cônsul, primeiro em Havana, depois em Newcastle e em Bristol e, por último, em Paris. Foi nesta cidade que se casou com Emília de Castro Pamplona Resende com quem teve quatro filhos (Alberto, António, Maria e José Maria) (FEQ, 2020).

Enquanto escritor, notabilizou-se pela originalidade e riqueza do seu estilo e linguagem, nomeadamente pelo realismo descritivo dos seus romances (Almeida, 2017). As suas obras, de uma maneira geral, abordam os temas simples do quoti-

diano, com ironia, humor e, de vez em quando, pessimismo e crítica social (FEQ, 2020). A lista das principais obras de Eça pode ser consultada no Quadro 1.

Quadro 1 | Principais obras de Eça de Queiroz

Ano de publicação	Obras de Eça de Queiroz
1870	<i>O Mistério da Estrada de Sintra</i>
1871	<i>As Farpas</i>
1875	<i>O Crime do Padre Amaro</i>
1877	<i>A Capital</i>
1878	<i>O Primo Basílio</i> <i>A Tragédia da Rua das Flores</i>
1879	<i>O Conde de Abranhos</i>
1880	<i>O Mandarim</i>
1887	<i>A Relíquia</i>
1888	<i>Os Maias</i>
1890	<i>Uma Campanha Alegre</i>
1897	<i>A Ilustre Casa de Ramires</i>
1901	<i>A Cidade e as Serras</i>

Fonte: Elaboração própria

3.3. A Casa de Tormes e a criação da Fundação

Situada na freguesia de Santa Cruz do Douro, na Quinta da Vila Nova, a Casa de Tormes foi o lugar de inspiração de Eça de Queiroz para o livro “*A Cidade e as Serras*”. Terá sido construída em finais do século XVI, inícios do século XVII, e, após um período de requalificação, abriu ao público a 25 de novembro de 1997, sob a forma de Fundação Eça de Queiroz (Figura 1). Trata-se de uma instituição de utilidade pública administrativa, sem fins lucrativos, que tem como principal objetivo a valorização, divulgação e promoção nacional e internacional da obra do romancista português.

O escritor nunca viveu permanentemente na Casa de Tormes. Quando a sua esposa Emília de Castro a herdou por falecimento dos pais, o escritor saiu de Paris e rumou a Santa Cruz do Douro para conhecer a propriedade. Terá visitado este local três vezes, para tratar de questões familiares relacionadas com a partilha de herança, nunca pernoitando mais que dois ou três dias durante cada visita (Figura 2). Quando teve necessidade de vi-



Figura 1 | Casa de Tormes, atualmente Fundação Eça de Queiroz

Fonte: Fundação Eça de Queiroz, 2020

sitar a casa pela primeira vez, Eça enviou previamente uma carta aos caseiros, indicando os cuidados que deveriam tomar para a sua chegada e estada. Contudo, essa carta perdeu-se e quando Eça chegou nada estava preparado. O escritor vinha faminto e os caseiros, atrapalhados, improvisaram um arroz de favas, apanharam um dos frangos que tinham pela propriedade e fritaram-no. Eça, apesar de estar habituado à gastronomia parisiense e a ser pouco apreciador de favas, ficou deliciado com a refeição e fascinado com a beleza da terra e das gentes, que considerava até aí rudes. Terá começado aqui a ligação de Eça a este lugar.

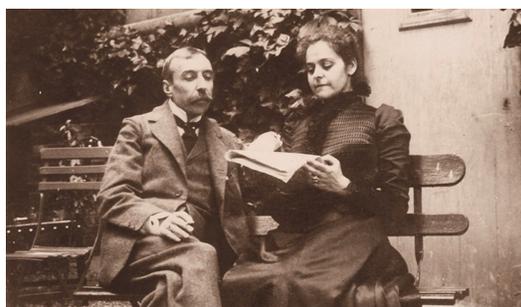


Figura 2 | Eça de Queiroz e a sua esposa

Fonte: Fundação Eça de Queiroz, 2020

A casa encontrava-se em mau estado de conservação e seria pretensão do escritor realizar obras para poder passar férias nesse local com a família, o que não chegou a acontecer porque faleceu muito novo. Esteve pela última vez na Casa de Tormes em 1899. Apesar das poucas e breves passagens

por Santa Cruz do Douro, Eça criou uma grande afetividade por este sítio, conforme nos indica uma carta sua dirigida ao Conde Arnoso:

(...) parei nas serranias do Douro, em Santa Cruz, onde fiquei dois dias a descansar (quase devia dizer a convalescer) do tremendíssimo almoço com que o meu rendeiro me honrou, logo na manhã da chegada, às dez horas de uma doce manhã! O prato mais ligeiro era um anho assado. Na cabidela entrava toda uma capoeira. Sobre a mesa, em vez de uma garrafa, pousava um pipó! Honrei o festim: depois foram os dois dias, os dois lentos dias de cansaço e digestão, sentado numa pedra, debaixo de um castanheiro. Quando, ao cabo de dois dias, senti que já não havia dentro de mim quase nenhum anho e quase nenhuma cabidela – tomei enfim o caminho de Salamanca. . .

(Excerto do documento exposto na Casa de Tormes. Fundação Eça de Queiroz, 2020).

3.4. Atividades disponíveis para o visitante

A visita guiada à Casa de Tormes, que tem um custo de 5€, engloba um conjunto de atividades atrativas para os visitantes motivados pela cultura, pela literatura, pela gastronomia, mas também pela paisagem rural e o contacto com a natureza. A atividade que a Fundação Eça de Queiroz promove neste lugar divide-se em três vertentes: a vertente cultural, com um conjunto de atividades educativas e formativas, especialmente vocacionadas para visitas escolares; a vertente agrícola e comercial, baseada na produção e comercialização dos produtos da quinta; e a vertente turística. A intervenção turística neste espaço é promovida

através da visita à Casa de Tormes, através da oferta de alojamento de turismo em espaço rural (Casa do Silvério – antiga casa do caseiro) e através da valorização da gastronomia local (Restaurante de Tormes – instalado no antigo lugar de azeite). A experiência gastronómica é baseada nas ementas descritas pelas personagens de Eça, dando destaque ao arroz de favas com frango frito. Existem ainda outras atividades turísticas, nomeadamente percursos pedestres e as visitas aos locais que eram frequentados por Eça. Como exemplo, o caminho que a personagem Jacinto, do livro *A Cidade e as Serras*, percorreu entre a estação de caminho-de-ferro de Arêgos (no livro conhecida por Tormes) e a Quinta da Vila Nova (mais vulgarmente conhecida por Quinta de Tormes). Eça de Queiroz descreve este percurso da seguinte forma:

“Assim vagarosamente e maravilhados, chegamos aquela avenida de faias que sempre me encantara pela sua fidalga gravidade. (...) e ao fundo das faias, com efeito, aparecia o portão da quinta de Tormes, com o seu brasão de armas de secular granito, que o musgo retocava e mais envelhecia”. (Queiroz, 1950: 165)

Todo este contexto associado a Eça de Queiroz, sustentado por numa estratégia de promoção, não só da herança literária, mas também do próprio espaço, enquanto lugar de memória e de cultura, apresenta efetivamente potencial turístico, especialmente vocacionado para o turismo literário, que deverá continuar a ser preservado e valorizado, numa base sustentável e articulada com a comunidade local onde se insere.

Torna-se assim pertinente analisar as perspetivas do presente e do futuro deste espaço, baseadas na entrevista que foi realizada à Diretora Executiva da Fundação Eça de Queiroz, de modo a compreender melhor este segmento turístico e identificar eventuais perspetivas de desenvolvimento e valorização.

3.5. Entrevista à diretora executiva da Fundação Eça de Queiroz

Perfil do visitante e principais motivos de visita

A entrevista iniciou com a questão relativa ao perfil do visitante. Percebemos que o perfil médio remete para pessoas de classe média/alta que visitam o lugar normalmente em família (casais com filhos) e em grupos de amigos. A faixa etária predominante é acima dos 35 anos. São identificados dois segmentos principais de visitantes, nomeadamente turistas (quer pernoitem nesta ou noutra zona) e estudantes (inseridos em visitas escola-

res). Analisando os números totais de visitantes ao longo da última década (Figura 3), constata-se que há uma tendência de diminuição do número global de visitantes; ao analisar a evolução dos dois principais segmentos, verifica-se um ligeiro aumento do número de turistas ao longo da última década; contudo, verifica-se também um decréscimo relativamente acentuado do número de estudantes (visitas escolares), contribuindo desta forma para a diminuição do número global de visitantes. Importa salientar que os dados referentes a 2020 foram influenciados pela pandemia Covid-19, o que justifica uma significativa diminuição do número de visitantes nesse ano.

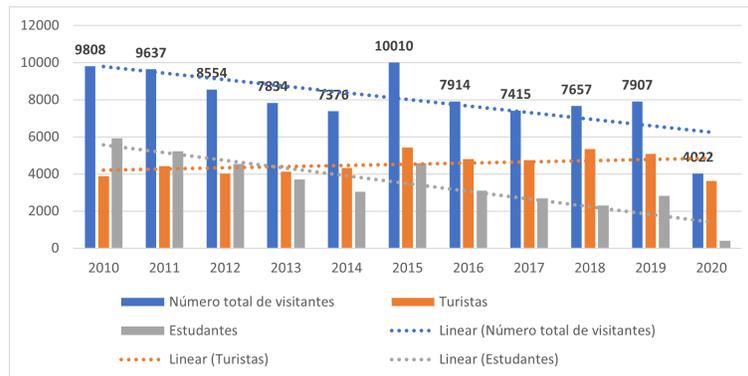


Figura 3 | Evolução do número de visitantes nos últimos 10 anos
Fonte: Fundação Eça de Queiroz, 2020

Em termos de nacionalidade, predominam os visitantes residentes em Portugal (95%). Relativamente aos visitantes estrangeiros, o mercado

brasileiro é o principal mercado emissor, seguindo-se a Espanha e a França (Figura 4).

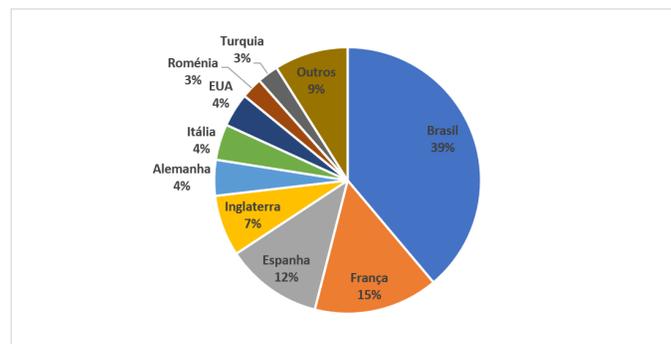


Figura 4 | Visitantes estrangeiros, por país de residência (referente ao ano de 2019)
Fonte: Fundação Eça de Queiroz, 2020

Esta predominância de visitantes portugueses e brasileiros evidencia uma estreita ligação entre este lugar e a língua portuguesa. Contudo, o facto de a obra de Eça estar integralmente traduzida em língua inglesa poderá ser um fator a explorar para captar mais mercados internacionais.

No seguimento da entrevista, foi possível perceber que, no geral, os visitantes caracterizam-se por serem pessoas instruídas, que já leram algumas das obras de Eça e que procuram aprofundar o conhecimento sobre o escritor. Procuram também conhecer melhor a paisagem e a gastronomia da região, conforme nos indica a Diretora Executiva da Fundação Eça de Queiroz:

O visitante da FEQ é, normalmente, uma pessoa instruída que tem interesse em aprofundar o conhecimento sobre a figura do Escritor Eça de Queiroz e vem com o objetivo de a conhecer. Mas como é óbvio, a gastronomia e a paisagem da região, que encantou Eça, também cativa o visitante que não deixa de frequentar a restauração local e de ficar alojado nos hotéis ou

nas casas de turismo da região.

Cardoso, 2020

Operacionalização estratégica

De seguida, foram abordadas as várias valências que a FEQ disponibiliza. Para além de visitas guiadas, os visitantes podem usufruir do Restaurante de Tormes, que tem um enfoque especial na gastronomia queirosiana. Existe também uma loja com vários produtos alusivos ao escritor, incluindo livros, compotas, vinhos, chás, entre outros, possibilitando aos visitantes levar consigo um pouco mais deste lugar, que o faça perdurar ainda mais na sua memória.

Ao analisar o número de visitas ao longo do ano, constata-se que, ao contrário dos estudantes, os turistas visitam este espaço ao longo de todo o ano, com maior incidência entre maio e outubro. Os meses que contabilizaram um maior número total de visitas foram março e maio, nos quais se contabilizaram também maior número de visitas escolares.

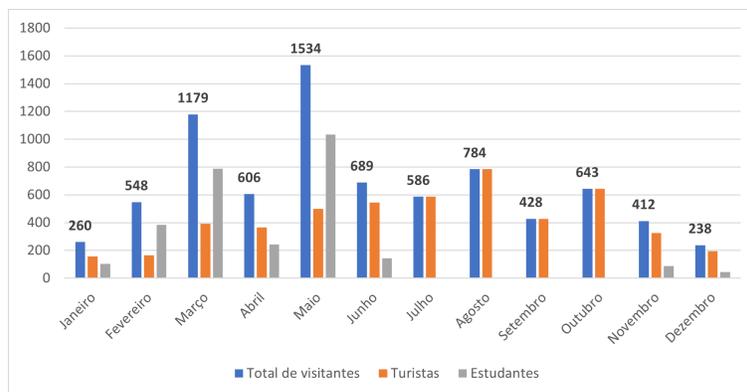


Figura 5 | Evolução do número de visitantes ao longo do ano (referente a 2019)
Fonte: Fundação Eça de Queiroz, 2020

Sobre a interação que é feita com os visitantes durante a sua permanência neste lugar, foi indicado que todas as visitas na fundação são acom-

panhadas por pessoas credenciadas que vão interagindo com os visitantes. As visitas têm uma duração aproximada de 45 a 60 minutos, não sendo

disponibilizados áudio-guias nem ecrãs táteis com os quais os visitantes possam interagir. Esta opção de privilegiar a interação humana e o acompanhamento personalizado, em detrimento da disponibilização de equipamentos tecnológicos, no nosso entender, poderá revelar-se uma mais-valia, pois numa era em que cada vez mais se utilizam as tecnologias, este tipo de interação poderá ser um fator diferenciador e competitivo, podendo fazer com que os visitantes se sintam mais esclarecidos, acompanhados e valorizados.

Relativamente às parcerias, no decorrer da entrevista, foi possível perceber que existe uma estreita colaboração com a Câmara Municipal de Baião, que colabora na promoção e valorização deste espaço. Outras parcerias têm sido desenvolvidas, nomeadamente com universidades nacionais e estrangeiras, com outros municípios e outras entidades que integram o Conselho de Curadores da FEQ, bem como, com empresas privadas que se tornaram Mecenas e Patronos. As parcerias com os agentes turísticos também têm sido fomentadas, mais concretamente com vários operadores turísticos da região e do país. Existem ainda parcerias com estabelecimentos hoteleiros, de modo a responder mais rapidamente às solicitações de alojamento dos visitantes. De salientar também a importância da interação que é desenvolvida com a comunidade local, contribuindo deste modo para a valorização económico-social do território onde se insere, conforme nos indica a Diretora Executiva da Fundação Eça de Queiroz:

Para a exploração do restaurante e da área agrícola a FEQ estabeleceu parcerias com empresas da região. Mantém activo um protocolo de colaboração com a Câmara Municipal de Baião, bem como com várias unidades de alojamento da região e universidades nacionais e estrangeiras. Por outro lado, alguns dos produtos que são vendidos na loja da Fundação são adquiridos a

produtores locais, pretendendo dessa forma fomentarmos a economia local.
Cardoso, 2020

Quanto às estratégias de comunicação e promoção, foi possível perceber que a comunicação com o mercado-alvo se desenvolve principalmente através das plataformas digitais (redes sociais) e da comunicação social (jornais, revistas e televisão), através da elaboração de reportagens sobre o escritor e sobre este espaço. Considera-se, contudo, que o reforço da promoção através da participação em eventos nacionais e internacionais vocacionados para o turismo (feiras de turismo) poderá contribuir ainda mais para aumentar a notoriedade deste lugar. Também a certificação *Clean & Safe* (certificação emitida pelo Turismo de Portugal, que atesta a adoção de medidas higiénicas e sanitárias de combate à propagação da Covid-19) dota este espaço de mais uma ferramenta de valorização e reforço da imagem associada à FEQ.

Impacto da Covid-19 e estratégia para a recuperação

Durante a entrevista abordámos também os principais desafios no contexto da Covid-19, questionando de que forma o impacto da pandemia se refletiu na atividade da Fundação Eça de Queiroz. Verificou-se que o impacto foi significativo, levando ao encerramento temporário deste espaço durante as medidas de confinamento que foram sendo aplicadas em Portugal. Devido ao contexto de pandemia que se tem vivido, a afluência de visitantes desde março de 2020 tem sido muito reduzida. Como estratégia para recuperar a atividade, a Diretora aponta para um reforço da comunicação e interação através das redes sociais e dos meios de comunicação social que estiverem ao alcance, visto que o orçamento de que a FEQ dispõe é limitado.

Por último, questionámos a Diretora se, na sua

opinião, as visitas virtuais poderão substituir definitivamente as visitas físicas aos espaços culturais. Ou seja, se o contexto que vivemos atualmente, onde é reforçada a presença e a interação digitais, poderá prevalecer numa era pós-pandemia. A resposta foi claramente no sentido oposto, indicando que nada poderá substituir a presença física nos espaços culturais, onde as aprendizagens e as experiências vividas têm outro significado:

Uma visita virtual penso que nunca poderá substituir uma visita física dado que se perde o contacto com as pessoas, os objetos. A interação que se gera entre o guia e o visitante é única, nunca poderá ser substituída por uma sensação virtual.

Cardoso, 2020

Efetivamente, tendo em conta que o turista literário procura espaços imaginários, de memória e de vivências associados aos escritores e às suas obras, dificilmente se poderia enquadrar esta experiência num formato exclusivamente virtual.

4. Considerações Finais

A ligação entre literatura e turismo apresenta-se como uma área de investigação recente, em fase de delimitação das suas fronteiras, de construção do seu corpo teórico e de definição metodologias adequadas. Através deste artigo, procurou-se demonstrar que os espaços culturais e patrimoniais associados à literatura poderão contribuir de forma ativa para o desenvolvimento do turismo literário em Portugal e para a dinamização turística dos territórios onde se inserem, como é o caso da Casa de Tormes em Baião. A análise do estudo-caso permitiu-nos perceber melhor qual o público-alvo destes espaços em Portugal, qual o perfil dos visitantes, quais as principais formas de atuação e quais as principais dificuldades que tiveram de ul-

trapassar, principalmente devido ao contexto de pandemia Covid-19. Contudo, o turismo literário é um tema ainda pouco explorado em Portugal, sendo necessário desenvolver mais estudos que possibilitem conhecer melhor o potencial deste segmento turístico e identificar estratégias de valorização e promoção. Podemos concluir que as casas-museus são elementos muito importantes para a valorização do turismo literário, ao evocarem a memória e o imaginário em torno do escritor e ao valorizarem a experiência turística do visitante. Todo este contexto associado a Eça de Queiroz e a Baião é sustentado por numa estratégia de promoção não só da herança literária, mas também do próprio espaço, enquanto lugar de memória e de cultura, apresentando efetivamente potencial turístico, especialmente vocacionado para o turismo literário, que deverá continuar a ser preservado e valorizado, numa base sustentável e articulada com a comunidade local onde se insere.

Agradecimentos

Os autores gostariam de agradecer à Diretora Executiva da Fundação Eça de Queiroz, Dr.^a Anabela Cardoso, pela disponibilidade e amabilidade em conceder a entrevista que possibilitou a realização deste artigo.

Referências

- Almeida, F. (2017). *Lugares no Douro: Património Paisagístico e Turismo. Percursos com Eça de Queiroz, hoje!*. Dissertação de Mestrado em Turismo, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Carvalho, I. (2009). *Turismo Literário e redes de negócios: Passear em Sintra com Os Maias*. Dissertação de Mestrado, Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Carvalho, I. & Baptista, M. (2015). Perspetivas sobre o Turismo Literário em Portugal. *Revista Turismo e Desenvolvimento*, 24, 55-68.

- Charapan, N. (2016). Revitalization of cultural heritage by means of literary tourism: the case study of Vilnius. In Macchia, A.; Prestileo, F.; Cagno, S. & Khalilli, F. (Eds.), *YOCOCU. Professionals' Experiences in Cultural Heritage Conservation in America, Europe, Asia*. Newcastle up on Tyne: Cambridge Scholars Publishing, pp. 63-74.
- Cunha, L. & Abrantes, A. (2019). *Introdução ao Turismo*, 6ª Edição Atualizada. Lisboa: Lidel.
- Fernandes, S. & Carvalho, P. (2017). Património e turismo literário: Leiria Queiroziana. In Cravidão, F. et al. (coord.). *Espaços e tempos em Geografia: homenagem a António Gama*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Fundação Eça de Queiroz (2020). <https://feq.pt/>, acessado em 3/11/2020.
- Gentile, R., & Brown, L. (2015). A life as work of Art: Literary Tourists' motivations and experiences at il Vittoriale Degli Italiani. *European Journal of Tourism, Hospitality and Recreation*, 6(2), 25-47.
- Gonçalves, S. (2007). *Património Literário como Variável do Desenvolvimento Turístico Regional: Casa-Museu de Camilo em S. Miguel de Seide*. Trabalho de Projeto de Final de Licenciatura, Escola Superior de Turismo e Hotelaria do Instituto Politécnico da Guarda.
- Gratton, C. (1996). The Economic Context of Cultural Tourism. In Richards, G. (Ed.). *Cultural Tourism in Europe*, (53-66). CAB: Wallingford.
- Herbert, D. (2001). Literary places, tourism and the heritage experience. *Annals of Tourism Research*, 28(2), 312-333.
- Hoppen, A. (2012). *Literary places and tourism: a study of visitor's motivations at the Daphne Du Maurier festival of arts and literature*. Bournemouth: Bournemouth University.
- Jiang, L. & Yu, L. (2020). Consumption of a literary tourism place: a perspective of embodiment. *Tourism Geographies*, 22(1), 127-150, DOI: 10.1080/14616688.2019.1586985.
- Liberato, P., Sargo, S. e Liberato, D. (2021). Avaliação da motivação, satisfação e experiência em eventos literários: festival literário "Correntes D'Escritas". *Revista Turismo e Desenvolvimento*, 2, 329-345. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/rtd/article/view/24718/18795>
- Mendes, M. (2007). *Na senda Estética e Poética dos Itinerários Turísticos e Literários: O Vale do Lima*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.
- Milheiro, E. & Pereira, M. (2014). Turismo e literatura: Um itinerário regiano por Portalegre. *Revista Turismo e Desenvolvimento*, 21/22, 81-90.
- Pires, M. (2020). *O perfil do turista literário - o caso do centro histórico de Évora*. Dissertação de Mestrado em Turismo e Desenvolvimento de Destinos e Produtos. Universidade de Évora, Escola de Ciências Sociais.
- Queiroz, J. M. E. d. (1950). *A Cidade e As Serras* (de acordo com 1ª edição 1901) Porto: Lello & Irmão.
- Quinteiro, S. & Henriques, C. (2012). Olhão Cidade de Turismo Literário: uma Realidade Longínqua? *Revista Turismo e Desenvolvimento*, 17/18(3), 1583-1596
- Quinteiro, S. & Baleiro, R. (2014). Uma personagem à procura da literatura: A ficção literária e a prática turística. *Dos Algarves. A Multidisciplinary e-journal, Special Issue Languages, Literature and Tourism*, 24, 9-27.
- Quinteiro, S., Baleiro, R. & Henriques, C. (2014). O património literário e a casa popular algarvia: Uma perspetiva turístico-cultural. *Revista Turismo e Desenvolvimento*, 21/22, 171-179.
- Quinteiro, S. & Baleiro, R. (2015). A casa popular algarvia na literatura: Contributo para o desenvolvimento do turismo arquitectónico na região. *International Journal of Scientific Management and Tourism*, 1, 153-166.
- Quinteiro, S., Baleiro, R. & Santos, I. (Eds.) (2016). *Literatura e turismo: Turistas, viajantes e lugares literários*. Faro: Universidade do Algarve.
- Quinteiro, S. & Baleiro, R. (2017). *Estudos em literatura e turismo: Conceitos fundamentais*, disponível em: http://www.esght.uaig.pt/littour/images/LIVRO_Estudos_Literatura_Turismo_2017.pdf, acessado em 24/11/2020
- Quinteiro, S., Gonçalves, A. & Carreira, V. (2021). Recursos e potencial de Coimbra como destino de turismo literário. *Revista Turismo e Desenvolvimento*, 2, 419-432. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/rtd/article/view/7221/18804>
- Sardo, A. (2008). Turismo Literário: Uma forma de valorização do património e da cultura locais. *Revista Egitania Ciência*, 2, 21-41.
- Sardo, A. (2009). Turismo Literário: a importância do património e dos sítios literários para o desenvolvimento turístico regional. In Simões, J. e Ferreira, C. (Eds.), *Turismo de Nicho: Motivações, Produtos, Territórios*. Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa.

Sousa, M., & Baptista, C. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios segundo Bolonha* (3ª ed.). Lisboa: Pactor.

Timothy, D. & Boyd, S. (2011). *Cultural heritage and tou-*

ris: an introduction. Bristol: Channel View.

Veal, A. (2006). *Research Methods for Leisure and Tourism: A Practical Guide* (3ª Ed.), Harlow: Prentice Hall.